

Toponímia Piauiense: O homem, o Meio, o Sagrado

Luiz Egito de Souza Barros

Universidade Federal de Minas Gerais, Linguística, Belo Horizonte, MG, Brasil

 luzegi@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0656-6817>

 <https://doi.org/10.47734/lm.v18i31.2105>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma exposição das motivações toponímicas encontradas nos topônimos piauienses. Para tal, fundamentou-se em Carvalho (2014), Câmara (2004), Dick (1975, 1990, 1993, 1998), Seabra (2006), Silva (2017) e Ullmann (1964). Os dados foram coletados nas publicações de Neto (2004) e Rodrigues (2012). Na análise buscou-se detectar as motivações, fazendo uma correlação do topônimo com a política, com a religião, com a geografia. Analisou-se também o cruzamento entre os elementos motivadores, feito com o uso de determinantes. Concluiu-se que os topônimos piauienses são motivados, preferencialmente, pela política, pela religião e pelos recursos naturais.

Palavras-Chave: toponímia piauiense, política, religião, recursos naturais

Toponymy From Piauí: The Man, the Environment, the Sacred

Abstract

This article aims at making an exposition of the toponymic motivations found in Piauí toponyms. For that purpose, it was based on Carvalho (2014), Câmara (2004), Dick (1975, 1990, 1993, 1998), Seabra (2006), Silva (2017) and Ullmann (1964). Data were collected from publications by Neto (2004) and Rodrigues (2012). In the analysis, we sought to detect the motivations, making a correlation between the toponym and politics, religion and geography. The crossing among the motivating elements was also analyzed and carried out by the use of determinants. It was concluded that Piauí toponyms are motivated, preferably, by politics, religion and natural resources.

Keywords: piauí toponymy, policy, religion, natural resources

Recebido em 24/07/2022

Aceito em 28/09/2022

Publicado em 25/11/2022

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar e classificar as motivações toponímicas de municípios do Piauí, sobretudo aqueles cujos nomes deixam visíveis as motivações de natureza antropocultural e física. Feita uma análise prévia e detectada a ocorrência de topônimos como São João da Fronteira, Landri Sales, Picos, Buriti dos Lopes, Cocal dos Alves, Agricolândia e Caridade do Piauí, levantou-se a hipótese de que a toponímia piauiense é fortemente motivada por fatores religiosos, políticos, geográficos, extrativistas e agrários.

Convém destacar que, já que este trabalho consiste de uma análise e classificação de nomes de municípios piauienses, insere-se no campo da Toponímia, que, ao lado da Antroponímia, compõe a Onomástica, que se incumbem de estudar os nomes próprios e se integra ao campo da Lexicologia.

Os dados dessa pesquisa foram coletados nas publicações de Neto (2004) (*História do Piauí para estudantes: Da pré-história à atualidade*) e Rodrigues (2012) (*Geografia e história do Piauí: Estudos regionais*), de onde extraíram-se os nomes dos municípios para, em seguida, classificá-los segundo a taxonomia de Dick (1975).

A detecção das motivações é fruto de interpretação, levando em conta a ocorrência de antropotopônimos, hierotopônimos, geomorfotopônimos, fitotopônimos e zootopônimos, entre outros que apresentados adiante. Tais ocorrências revelam aspectos da paisagem, da flora, da fauna, das relações de poder, dos meios de sobrevivência e da religiosidade do povo piauiense.

O Signo Toponímico

Não se quer aqui (re)discutir a arbitrariedade do signo linguístico; não é a nossa intenção. O princípio da arbitrariedade, no sentido saussureano, entre imagem acústica e conceito, é ponto pacífico na ciência linguística. Cabe, no entanto, discorrer sobre a correlação entre o signo saussureano e o objeto designado, pois, o signo toponímico, em muitos casos consiste da reutilização de outros já existentes no léxico da língua.

Apesar de a arbitrariedade ser um princípio plenamente aceito, Ullmann (1964) afirma que as motivações semânticas constituem um fato inquestionável, e um dos mecanismos pelos quais a motivação se instaura é a semelhança (analogia) entre os seres designados. Assim, para aquele autor, há analogia entre as palavras *casca* (de fruta, de árvore) e *casaco*, uma vez

que ambos objetos revestem algo. Difícil afirmar no momento, mas, seguindo seu raciocínio, é possível que haja.

Segundo Dick (1990), a capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe traduzir em formas significativas ou palavras os mais variados aspectos de sua cultura. Em outras palavras, toda a experiência humana é registrada na e pela língua. A mesma autora ainda observa que a linguagem não se separa das experiências que singularizam as culturas; ao contrário, com elas se interpenetra; ou seja, língua e cultura constituem um todo indissociável.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Seabra (2008) afirma que o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo.

A mesma autora assevera que a história dos nomes de lugares constitui um repositório dos mais ricos e sugestivos, diante da complexidade dos fatores envolventes. Diante desse panorama dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob as mais diferentes formas, descortina-se a própria panorâmica regional, tanto em seus aspectos naturais como nos antropoculturais. Assim, o vocábulo, ao deixar o seu uso pleno na língua, transita para o uso onomástico e reveste-se de caráter denominativo e passa a ser referencializado como topônimo.

Compreende-se que, pelo processo de nomeação, que pressupõe um nomeador e um nomeado, a palavra adquire uma representação externa à qual se une e, a partir de então, passa à categoria de nome. Nessa transmigração,

... a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o *nome* e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes (Seabra, 2008, p. 1954).

Na opinião de Dick (1990), embora o topônimo seja uma forma da língua como qualquer outro signo, a funcionalidade do seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente, ou seja, o que era arbitrário em termos de língua transforma-se, pelo ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, de modo que não é exagero afirmar que uma das principais características do signo toponímico é ser motivado.

Para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais, de modo a constituir, como diz Foucault

(1995:153), quase “uma linguagem segunda a partir dessa linguagem primeira” (Dick, 1998, p. 101).

Ainda no que se refere à toponímia, o que se percebe é que no processo de nomeação há uma intenção motivadora, que vem carregada com descrições do meio físico, com as aspirações e anseio, com a religiosidade e com as relações de poder.

O uso da lexia pela Toponímia altera, assim, o seu papel funcional e projeta a necessidade de se revelar, na caracterização sígnea, o terceiro elemento da análise, ou o referente geográfico sobre o qual a linguagem imporá a palavra escrita, elaborada pela competência Lingüística do usuário. A denominação resultante de escolhas paradigmáticas evidencia a interferência de outros níveis de actância, os ditos “contextos extra-verbais”, ou, como empregamos, o ambiente ou espaço físico-social que cerca o emissor. Neste plano de estudo das designações toponomásticas (ponto de vista externo), há, portanto, cruzamentos de diferentes domínios de experiência, que ampliam o campo conceitual da Toponímia e a tornam aberta – mas também vulnerável – a diversos tipos de análises ou concepções (Dick, 1993, p. 677).

Assim, é possível inferir que, na estruturação das lexias toponímicas, há interferência de fatores históricos, geográficos, religiosos e socioculturais de um modo geral. Câmara (2004) ensina que os topônimos constituem os nomes próprios de lugar e de acidentes geográficos, e destaca a importância destes para o resgate histórico das línguas. A essa afirmação acrescenta-se a importância também nos estudos etnográficos e culturais de um modo geral.

Ainda segundo Câmara (2004), o sentido primitivo dos topônimos no Brasil pode ser:

- A) Um substantivo comum ou locuções substantivas de caráter descritivo;
- B) Nomes de santos padroeiros;
- C) Reprodução de topônimos portugueses ou de outros países, em virtude do processo migratório;
- D) Tupinismos e africanismos, geralmente com intenção descritiva; E
- E) Antropônimos de autoridades governamentais ou homens públicos.

Dubois *et al.* (1993) conceituam toponímia como sendo a parte da linguística que se ocupa da origem dos nomes de lugares, de suas relações com a língua do país, com as línguas de outros países e com línguas desaparecidas. Destacam que a pouca relação entre os topônimos de um determinado país e a língua falada pelo povo se deve à forte resistência dos substratos neste domínio – o que é facilmente verificável no Brasil, ante a abundância de tupinismos em nossa toponímia.

Taxonomias de Dick Aplicadas aos Topônimos Piauienses

No presente estudo seguiu-se a terminologia apresentada por Silva (2017) (*Elementos da terminologia toponímica*, publicado nos *Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e*

Filologia: Textos Completos), que resume a contribuição de Dick (1975). Segundo esse pesquisador, na classificação geral dos topônimos, pode-se dizer que, quanto à forma, eles podem ser:

- A) Simples: os topônimos que, para sua compreensão, dispensam o complemento, ou seja, dispensam o corônimo – nome genérico de lugar (comunidade, bairro, rua, avenida, morro, fazenda, córrego etc.) (Dick, 1992) –, a exemplo de (cidade de) Picos;
- B) Compostos: os topônimos formados a partir da aglutinação ou justaposição de dois elementos antes independentes, a exemplo de Piauí [piauí + i(rio)] = rio dos piaus (uma espécie de peixe); e
- C) Complexos: aqueles que se compõem de dois ou mais elementos, têm o corônimo inserido (Avenida Severo Eulálio, Picos-PI, por exemplo).

No tocante ao campo semântico, Carvalho (2014), seguindo os passos de Dick (1975), distribui os topônimos nos seguintes grandes grupos:

- A) Os de natureza física (referentes a elementos da natureza, tais como: corpos celestes, posições geográficas, cores, dimensões, espécies vegetais, minerais ou animais, acidentes hidrográficos em geral, formas de relevo, fenômenos atmosféricos e formas geométricas); e
- B) Os de natureza antropológica.

Convém frisar que, no tocante aos nomes referentes ao sagrado, Silva (2017) utiliza apenas hierotônimo para nomes referentes ao universo sagrados e nomes de santos; enquanto Carvalho (2014) apresenta a distinção entre hierotônimo como um termo genérico para nomes referentes a qualquer entidade do universo sagrado, e sugere uma subdivisão em hagiônimo como termo específico para nomes de santos e santas e mitônimo, para nomes referentes a entidades mitológicas. Para nossa análise, adotamos as terminologias propostas por Carvalho: hierotônimo para topônimos como Madeiro-PI e hagiônimo para São João do Piauí-PI e outros nomes de santos.

Topônimos Piauienses de Natureza Física

- A) Astrotônimos: são topônimos que referenciam os corpos celestes em geral. Entre os nomes de municípios piauienses encontramos apenas Alvorada do Gurguéia, que traz uma representação indireta, apenas uma alusão ao sol, pois alvorada significa o nascer do sol. Esse batismo pode ser um indício de que esse nome representa um ponto de partida, um renascimento para o povo e para comunidade;
- B) Cardinotônimos: são topônimos relativos às posições geográficas em geral. Sem ocorrência entre os municípios piauienses;
- C) Cromotônimos: são topônimos relativos à escala cromática, como, por exemplo, em Várzea Branca, que apresenta caráter descritivo impressionista, uma vez que não parece razoável a existência de uma várzea que seja branca, mas é plausível a possibilidade de que esta desperte, por sua vegetação, período de florada, tipo de solo, uma percepção de brancura em seus moradores;

- D) Dimensiotopônimos: são topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, grossura, largura, espessura, altura, profundidade, tais como: Ilha Grande, Campo Grande, Campo Maior, Campo Largo do Piauí;
- E) Fitotopônimos: são topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes. Nesta categoria detectamos que o topônimo é uma árvore em Aroeira do Itaim, Cajazeiras, Cajueiro da Praia, Caraúbas do Piauí, Jurema, Juazeiro do Piauí, Pajeú do Piauí, Pau D'Arco do Piauí, Palmeiras do Piauí, Tamboril do Piauí; junco em Piri-piri; uma parte da árvore em Flores do Piauí, mas pode ser um conjunto de árvores da mesma espécie ou de espécies diferentes em Floresta do Piauí, Palmeirais, Angical do Piauí, Cocal, Cocal de Telhas, Cocal dos Alves e Jardim do Mulato. O topônimo é uma fruta silvestre em Buriti dos Lopes, Buriti dos Montes, Murici dos Portelas, Jatobá do Piauí, mas pode ser um lugar onde a fruta é abundante em Canto do Buriti;
- F) Geomorfotopônimos: são topônimos relativos às formas topográficas, como, por exemplo, em Altos, Baixa Grande do Ribeiro, Fronteiras, Boqueirão do Piauí, Bocaina, Caldeirão Grande (cidade rodeada de serras, que adquire o formato de um caldeirão), Morro do Chapéu do Piauí, Morro Cabeça no Tempo, Monte Alegre do Piauí;
- G) Hidrotopônimos: são topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Assim, o topônimo é apenas o elemento água em Água Branca, uma nascente em Olho D'Água do Piauí, Cabeceiras do Piauí (no dialeto local, cabeceiras são as nascentes do rio), um curso d'água em Brejo do Piauí, Corrente, Riacho Frio, e Ribeira do Piauí; um lago natural em Lagoa do Piauí, Lagoinha do Piauí, Lagoa de São Francisco, Lagoa do Sítio, Lagoa Alegre, Lagoa do Barro do Piauí; um reservatório artificial em Tanque do Piauí; um grande rio em Uruçuí (uruçu < guarapu = abelha; i~y = rio => rio das abelhas); a foz do rio em Barras (alusão à barra do rio Marataoã. No dialeto local, a foz chama-se barra); um rio caudaloso ou mar agitado em Parnaíba (paraná = mar, rio caudaloso; yaíba = tempestade marinha, mar agitado)=> rio caudaloso não navegável; Parnaguá (< paranaguá: paraná = grande rio; -guá = seio => baía fluvial) provavelmente uma analogia com a o reservatório de água existente no município, a 'Lagoa de Parnaguá', às margens do rio Paraim; Pavussu, uma alusão ao reservatório de água existente no município, o 'lago Pavussu' às margens do rio Itaueira;
- H) Litotopônimos: são topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo. Nessa categoria, o topônimo pode revelar um aspecto do solo em Barro Duro, e Massapê do Piauí; um metal precioso em Prata do Piauí; pedras pequenas em Itainópolis (ita = pedra; im = pequeno; polis = cidade => cidade das pedras pequenas); algo que deixou de ser pedra em Itaueira [ita = pedra; uera~puera (sufixo passado) => o que foi pedra, ou a pedra que não mais existe, porque foi levada pelo rio Itaueira; um garimpo de cristal em Cristalândia do Piauí;
- I) Meteorotopônimos: são topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Sem ocorrência entre os municípios piauienses;
- J) Morfotopônimos: são topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Sem ocorrência entre os municípios piauienses; e
- K) Zootopônimos: são topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos. Para esta categoria, os topônimos piauienses podem representar uma ave em Acauã e Inhuma; um molusco em Caracol; um peixe em Curimatá e Piracuruca (piara = peixe; curuca = que ronca => peixe que ronca); e uma espécie de macaco em Guaribas; um grupo de pacas em Paquetá (< paque = corruptela de paca + etá = sufixo coletivo).

Taxonomias de Natureza Antropocultural

- A) Animotopônimos ou nootopônimos: são topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à

- cultura física, a exemplo de Bom Princípio do Piauí, Caridade do Piauí; Esperantina, Fartura do Piauí, Redenção do Gurguéia, Regeneração, União, Valença do Piauí;
- B) Antropotopônimos: são topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Esses topônimos, segundo Dick (1990), homenageiam diretamente os donos da terra, políticos, e outras personalidades ligadas ao poder local, ou nacional, a exemplo de Anísio de Abreu, Antônio Almeida, Avelino Lopes, Cristino Castro, Demerval Lobão, Dirceu Arcoverde, Domingos Mourão, Elesbão Veloso, Eliseu Martins, Francisco Aires, Francisco Macedo, Francisco Santos, Hugo Napoleão, Isaias Coelho, João Costa, Joaquim Pires, Joca Marques, José de Freitas, Júlio Borges, Landri Sales, Luís Correia, Matias Olímpio, Manoel Emídio, Marcos Parente, Miguel Alves, Miguel Leão, Milton Brandão, Sebastião Barros, Sebastião Leal, Sigefredo Pacheco, Simões, Pedro Laurentino, Simplício Mendes, Vera Mendes, Wall Ferraz, Pedro II. Essas homenagens podem ser feitas de forma, não explícita, como, por exemplo, em Floriano (homenagem ao ex-presidente Floriano Peixoto), indireta por meio de um derivado do antropônimo, como Teresina (homenagem à Imperatriz Teresa Cristina); mas pode homenagear também uma família inteira, como Ribeiro Gonçalves e Paes Landim;
- C) Axiotopônimos: são topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais, são um tipo especial de antropotopônimos, como, por exemplo, em Capitão Gervásio Oliveira, Coronel José Dias, Dom Expedito Lopes, Dom Inocêncio, Monsenhor Gil, Monsenhor Hipólito, Padre Marcos;
- D) Corotopônimos: são topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes, como, por exemplo, em Alegrete do Piauí, Amarante (homenagem a Amarante de Portugal), Santo Antônio de Lisboa, Barreiras do Piauí (homenagem a Barreiras-BA), Belém do Piauí, Patos do Piauí, Bonfim do Piauí(homenagem a Bonfim-BA), Campinas do Piauí(homenagem a Campinas-SP), Oeiras (homenagem a Oeiras de Portugal), Paulistana (homenageia o lugar de nascimento do proprietário da fazenda que deu origem à cidade – Domingos Jorge Velho, colonizador, que era paulista);
- E) Cronotopônimos: são topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Novo Santo Antônio, Novo Oriente, Nova Santa Rita, Curral Novo do Piauí, Queimada Nova;
- F) Ecotopônimos: são topônimos relativos às habitações de um modo geral (Castelo do Piauí, por exemplo);
- G) Ergotopônimos: são topônimos relativos aos elementos da cultura material, tais como: Tanque do Piauí, Currais, Curralinhos, Porto, Coivaras, Agricolândia, Porto;
- H) Enotopônimos: são topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas), a exemplo de Jaicós (antiga tribo indígena dos Jaicós), Pimenteiras (antiga tribo indígena dos Pimenteiras), Aroazes (antiga tribo indígena dos Aruazes);
- I) Dirrematotopônimos: são topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Sem ocorrência entre os municípios piauienses;
- J) Hierotopônimos: são topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana etc., tais como: Beneditinos, Pio IX, Madeiro, Santa Cruz do Piauí, Santa Cruz dos Milagres, Santa Luz, Socorro do Piauí (referência a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), Assunção do Piauí (uma alusão à assunção de Maria);
- K) Hagiotopônimos: são topônimos relativos aos nomes de santos e santas do hagiológico romano, tais como: São João do Piauí, São João do Arraial, São João da Varjota, São João da Serra, São João da Fronteira, São João da Canabrava, São José do Piauí, São José do Peixe, São José do Divino, São Francisco do Piauí, São Francisco de Assis, Santana do Piauí, Santa Rosa do Piauí, Santa Filomena, São Luís do Piauí, São Julião, São Raimundo Nonato, São Gonçalo do Piauí, São Gonçalo do Gurguéia, São Brás do Piauí, São Lourenço do Piauí, São Miguel do Tapuio, São Miguel do Fidalgo, São Miguel da Baixa Grande, São Felix do Piauí, Nossa senhora dos Remédios, Nossa Senhora de Nazaré, Nazaré do Piauí(referência a Nossa Senhora de Nazaré), Brasileira (uma homenagem ao país ou à nação brasileira);

- L) Historiotopônimos: são topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes. Sem ocorrência entre os municípios piauienses;
- M) Hodotopônimos (ou odotopônimos): são topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana (Passagem Franca do Piauí, por exemplo).
- N) Numerotopônimos: são topônimos relativos aos adjetivos numerais. Sem ocorrência entre os municípios piauienses;
- O) Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos “vila”, “aldeia”, “cidade”, “povoado”, “arraial” (Arraial e Vila Nova do Piauí, por exemplo);
- P) Sociotopônimos: são topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). Sem ocorrência entre os municípios piauienses; e
- Q) Somatotopônimos: são topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal, como, por exemplo, em Caxingó, que faz uma referência indireta aos membros inferiores, às pernas, ou aquele que coxeia, que manca, que tem dificuldade de locomoção.

Segundo Carvalho (2014), ao se referir ao seu modelo de classificação dos topônimos, Dick (1990) explica que

... as taxionomias apresentadas não são exaustivas em suas ocorrências e sim significativas, podendo ser ampliadas à medida que novas estruturas vocabulares as exijam. Assim, Isquierdo (1996, p. 18), por exemplo, propõe a subdivisão da categoria dos animotopônimos em i) *animotopônimos eufóricos* – aqueles que “despertam uma sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo”, como Boa *Esperança* e Vitória; ii) *animotopônimos disfóricos* – aqueles que evocam “uma sensação desagradável frente à designação”, como em *Confusão* e *Revolta*. (Carvalho, 2014, p. 87).

Faz-se importante destacar que alguns topônimos piauienses apresentam motivação obscura ou ambígua, por isso não foram apresentados na classificação acima. Alguns desses nomes parecem ter origem nas línguas indígenas, como é o caso Jerumenha, Gilbués, Sussuapara, mas nas fontes consultadas não foi possível identificar. Outros, como Francinópolis e Bertolândia, apresentam semelhanças com antropotopônimos (derivados de antropônimos), mas carecem de investigação mais minuciosa e aprofundada a respeito da história dos referidos municípios; Canaveira pode ser uma atividade econômica ou o sobrenome de uma família.

O Que Nos Dizem os Topônimos Piauienses

Analisando os topônimos referentes aos municípios do Piauí, vale destacar que estes representam, segundo a terminologia de Dick (1975), as motivações que revelam a influência da religiosidade, da geográfica, da política, do extrativismo e dos meios de sobrevivência. Cada um desses grupos de influência representa os modos de vida, a relação do homem com o meio ambiente natural e social, as etnias, a religiosidade e o poderio político e econômico.

A Religiosidade

Os hierotopônimos (Madeiro, Beneditinos, Santa Cruz dos Milagres), hagiopônimos (Santa Filomena, São Gonçalo do Piauí) e axiotopônimos ligados à religião (Padre Marcos, Dom Expedito Lopes, Monsenhor Hipólito) revelam a grande importância da fé religiosa e de personagens ligadas à religião para o povo piauiense.

Os hagiopônimos são tão abundantes que, em alguns casos, há necessidade de um determinante para especificar a cidade e localizar/personificar a devoção. A título de exemplo têm-se: São Francisco de Assis e São Francisco do Piauí, Santa Cruz do Piauí e Santa Cruz dos Milagres; São José do Peixe, São José do Divino e São José do Piauí; São João da Canabrava, São João da Fronteira, São João da Serra, São João da Varjota, São João do Arraial e São João do Piauí.

Essa abundante ocorrência hagiopônimos revela não só a fé do povo, mas também o apelo ao divino/sobrenatural como forma de solucionar problemas. O abundante uso do núcleo toponímico São João deve-se não só à religiosidade, mas também à associação deste ao folclore da região.

Os determinantes ou epítetos, além de especificarem a cidade, distinguindo-a de outra do mesmo estado ou de um outro estado, também lhes atribuem uma valoração positiva, expressando de forma clara a interface subjetiva da toponímia. No processo toponímico se empregam nomes ou expressões positivas, que revelam todo um sistema de valores contido no inconsciente coletivo dos falantes.

Segundo Dick (1993), essa valoração positiva, fruto dos anseios presentes no ideário popular, é feita não só através dos determinantes. Há muitos casos em que esse recurso é obtido dos traços lexicais dos substantivos ou expressões substantivas, pertencentes à etimologia popular e utilizadas para nomear o *topos*. Bons exemplos desse fato estão presentes em União, Fartura do Piauí, Boa Hora, Bom Princípio do Piauí, Esperantina, Regeneração, Caridade e Redenção do Gurguéia.

O Poder Político

No que se refere às motivações de cunho político, detectou-se o emprego de antropônimos de autoridades governamentais, que, a exemplo dos antropotopônimos religiosos, por serem personalidades públicas, formadoras de opinião e influentes no pensamento político, cultural e pertencentes ao devocionário popular, são homenageadas diretamente, como, por exemplo, em Pedro II e Dirceu Arcoverde (homenagem ao imperador e

ao ex-governador, respectivamente). Outros casos de antropotopônimos políticos empregados diretamente são evidenciados em Demerval Lobão, Floriano, Wall Ferraz, Marcos Parente, Hugo Napoleão e Sebastião Leal. Nomes assim constituídos destacam a relação dominante/dominado, ou melhor dizendo, o poder do mando e da sujeição (Dick, 1993).

A Geografia

Entre os fatores geográficos que influenciam o processo de nomeação dos municípios piauienses, mostraram-se mais recorrentes aqueles que apresentam caráter descritivo da paisagem. Dentre estes, destacam-se Picos (por ser cercado por uma cadeia de montanhas e serras), Altos, Caldeirão Grande (por ser rodeada de serras, o que dá lugar a uma paisagem semelhante a um enorme caldeirão – reservatório natural de água em formações rochosas), Morro do Chapéu (processo analógico), Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Lagoa do Sítio, Ilha Grande, Baixa Grande do Ribeiro, Várzea Branca e Várzea Grande; São João da Fronteira se insere no campo da divisão política e as nascentes do rio estão em Cabceiras e a sua foz, em Barras do rio Marataoã.

Os Meios de Sobrevivência

No que se refere aos meios de sobrevivência, percebeu-se que o extrativismo (vegetal, mineral ou animal), por ter sido fonte de sobrevivência de muitas comunidades, durante muito tempo, influenciou largamente a toponímia local. Assim, há, no Piauí, a ocorrência de topônimos motivados pelo extrativismo mineral, vegetal, animal.

Pela motivação do extrativismo vegetal, o topônimo é uma fruta, em Buriti dos Lopes e Buriti dos Montes, e uma árvore frutífera, em Cajueiro da Praia e Palmeira do Piauí, ou um conjunto delas, em Cajazeiras do Piauí, Cocal, Cocal de Telha, Angical do Piauí e Palmeirais. Pode ser ainda o espaço/lugar de ocorrência abundante destas em Canto do Buriti. Uma parte da planta em Flores do Piauí e uma madeira de lei em Aroeira do Itaim.

O extrativismo animal, através da rica fauna que durante muito tempo foi uma importante fonte de alimentação e/ou muito presente na vida do homem do campo, por meio das atividades de caça e pesca, encontra seu lugar de destaque em Inhuma (uma ave), Curimatá (um peixe), Caracol (um tipo de caramujo), Uruçuí (rio das abelhas) e São José do Peixe (via determinante).

De ocorrência muito restrita, o extrativismo mineral se encontra em Cristalândia do Piauí, Massapê do Piauí (massapê é um tipo de argila utilizada na indústria/artesanato de cerâmica – também muito fértil) e Prata do Piauí.

A Agropecuária

São facilmente perceptíveis os nomes de municípios piauienses que guardam em si uma motivação ligada às atividades agrárias. Lima (2020) ensina que o avanço colonial sobre os territórios indígenas se deu por meio de conflitos armados contra os índios, de maneira a garantir ao colonizador a posse da terra e o desenvolvimento da pecuária extensiva. Aquela autora ainda acrescenta que lutas, resistências, alianças e violência contra a população indígena integraram a ação colonizadora e o domínio português nos “sertões de dentro”. Assim, as atividades agrícolas e agropastoris foram a base da economia do Estado durante todo o período colonial.

Este dado fortalece o argumento de que a colonização do Piauí se iniciou no sertão e se propagou em direção ao litoral. Para ser mais claro, a colonização do Piauí se deu basicamente a partir da criação extensiva de gado. O que justifica algumas ocorrências de topônimos originários da agricultura e da pecuária.

Assim, o topônimo piauiense pode representar uma concentração de agricultores em Agricolândia, um solo agricultável em Massapê do Piauí; uma prática dos agricultores em Coivaras, Queimada Nova; uma fazenda de gado em Campo Largo, Campo Grande, Campo Maior, Campo Alegre do Fidalgo, que, pelos traços léxico-semânticos dos núcleos nominativos, fundem as atividades agrícolas e pastoris, já que campo pode ser agrícola ou de criação de gado. O topônimo ainda pode ser uma parte importante de qualquer fazenda de gado em Currais, Curral Novo do Piauí e Curralinhos.

A Função dos Determinantes

Os determinantes têm a função de especificar o lugar, quando o núcleo toponímico é muito produtivo, ou mesmo para distinguir a cidade de outra cujo nome contém o mesmo núcleo (Belém do Piauí, por exemplo). Mas, os determinantes atributivos ou epítetos fazem mais que isso.

Eles podem, também, expressar o valor positivo do substantivo ou locução substantiva, emprestando ou reforçando-lhe o caráter descritivo, como, por exemplo, em Lagoa Alegre e Riacho Frio. Fazem ainda o cruzamento entre motivações toponímicas, como no caso de

Jardim do Mulato (paisagem e etnia). Em São João da Serra, São João da Fronteira, São João da Varjota e São João da Canabrava, os determinantes da serra, da fronteira, da varjota e da canabrava associam religião a geografia/paisagem. Relevo e divisão política, nos dois primeiros, e vegetação/flora, nos dois últimos.

Uma outra função que nos chamou a atenção nos determinantes é o caráter enfático que eles muitas vezes emprestam a um núcleo do mesmo campo semântico. Os exemplos mais marcantes dessa função encontramos em São José do Divino e Santa Cruz dos Milagres, onde os determinantes do divino e dos milagres, por invocarem forças divinas/sobrenaturais, reforçam os núcleos já santificados – São José e Santa Cruz. Os proprietários da terra estão registrados em Francisco Santos, Coronel José Dias, entre outros.

Considerações Finais

Diante do exposto, observou-se a a forte presença das motivações política, religiosa, geográfica, extrativista e agrária, ou mesmo o cruzamento entre elas. Tal tendência pode ser um indício de que o ato de batismo de um lugar expressa o modo de vida, as atividades econômicas, as crenças, a religiosidade, a descrição paisagística, a etnia, as aspirações do povo ou o orgulho de ser do referido lugar e, acima de tudo, a força da organização ou da alienação política do povo.

A leitura interpretativa outrora apresentada se justifica nos dizeres de Dick (1993), para quem a toponímia, por esses constituintes, reflete, subjacente à forma, motivos de ordem psicológica mais profunda, que levam o pesquisador às tentativas de explicação. Escapando do plano do próprio código, em nível interno, projetam-se no real ou no contexto externo.

Assim, os topônimos não são simples rótulos; eles representam o somatório de todos os valores históricos, políticos, religiosos e socioculturais de um povo ou de uma comunidade, em uma dada época, e interpretar os sentidos desses nomes possibilita o conhecimento do ambiente natural, bem como um mergulho na história e na religião e o resgate dos costumes do povo. Em outras palavras, permite desvelar os discursos presentes na formação da cultura e da identidade das comunidades.

Referências

Carvalho, A. P. M. A. (2014). *Hagiotoponímia em Minas Gerais*, [Tese de doutorado não publicada]. Universidade Federal de Minas Gerais.

Câmara Jr., J. M. (2004). *Dicionário de Linguística e Gramática: Referente à língua portuguesa*. (25ª ed.). Editora Vozes.

Dick, M. V. P. A. (1975). O problema das taxionomias toponímicas: Uma contribuição metodológica. *Língua e Literatura*, 4, 373-380.

Dick, M. V. P. A. (1990). *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Edições Arquivo do Estado de São Paulo.

Dick, M. V. P. A. (1993). Tratamento lexicográfico toponímico do Estado de São Paulo. *Anais do Encontro Nacional da ANPOLL*, Goiânia, GO, Brasil.

Dick, M. V. P. A. (1998). Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiótica et Lingvística*, 7(1), 97-122.

Dubois, J., Giacomo, M., Guespin, L., Marcellesi, C., Marcellesi, J. B., & Mevel, J.P. (1993). *Dicionário de Linguística*. Cultrix.

Lima, N. C. (2020). Em cada página, história do Piauí colonial e provincial. Em N. C. Lima (Org.). *Páginas da história do Piauí colonial e provincial*, (pp. 9-19). EDUFPI.

Neto, A. (2004). *Geografia e História do Piauí para estudantes: Da pré-história à atualidade*, (3ª ed.). Geração 70.

Rodrigues, J. L. P. (2012). *Geografia e história do Piauí: Estudos regionais*, (5ª ed.). Halley.

Seabra, M. C. T. C. (2006). Referência e onomástica. EM J. S. Magalhães & L. C. Travaglia (Org.). Múltiplas perspectivas em linguística. *Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)* (pp. 1953-1960), Uberlândia, MG, Brasil.

Silva, J. P. (2017). Elementos da terminologia toponímica. *Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia: Textos Completos* (pp. 691-701), Rio de Janeiro, CiFEFiL.

Ullmann, S. (1964). *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*, (3ª ed., J. A. O. Mateus, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian.